

ENCARTE DIGITAL 1 | RESENHA

SEDGWICK, Sally. *Hegel's critique of Kant – From dichotomy to identity*. Chicago: Oxford University Press, 2012. 194 p.

* Danilo Vaz-Curado R. M. Costa

A obra *Hegel's critique of Kant – From dichotomy to identity*, de Sally Sedgwick, pesquisadora e professora na Universidade de Illinois em Chicago, que ora se resenha, publicada pela *Oxford University Press*, no ano de 2012, recolhe, em sua maior parte, um conjunto de consagrados artigos publicados anteriormente pela autora em diversas revistas, coletâneas e *Festschrift*, a exceção dos capítulos 1 e 6 que são textos especialmente preparados para a presente edição.

Todavia, e em que pese grande parte dos capítulos já haverem, em alguma medida, sido trabalhados em momentos anteriores, os mesmos foram ampliados, incorporaram novas questões e perspectivas, o que os torna mais instigantes e interessantes, tanto para a *Hegel-Forschung*, como para, a *Kant-Forschung*. A riqueza das considerações expostas no livro é tão impressionante que cada capítulo possui uma autonomia que o permite ser lido em separado, mas que apenas revela todo o seu potencial hermenêutico quando compreendido na totalidade da obra.

O livro *Hegel's critique of Kant – From dichotomy to identity*, divide-se em seis capítulos com o propósito de defender a hipótese¹ de que Hegel oferece uma convincente crítica e alternativa à concepção de conhecimento estabelecida por Kant em seu período *Crítico*, nos seguintes termos:

* Professor da UNICAP/PE e Doutor em Filosofia pela UFRGS. <danilo@unicap.br> ou <danielocostaadv@hotmail.com>. Agradeço a *Oxford University Press* pelo envio do livro.

¹ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 1. "This is a study of Hegel's critique of Kant's theoretical philosophy. Its main purpose is to defend the thesis that Hegel offers us a compelling critique of and alternative to the conception of cognition Kants argues for in his "Critical" period (from 1718 to 1790)".

(i) Introdução à crítica hegeliana: forma discursiva versus forma intuitiva do entendimento na filosofia crítica de Kant; (ii) Unidade orgânica como *unidade verdadeira* do intelecto intuitivo; (iii) Hegel e a *subjetividade* do idealismo kantiano; (iv) Hegel e a dedução transcendental da primeira *Crítica*; (v) subjetividade como parte de uma identidade original e, por fim, (vi) A petição de princípio: natureza da crítica kantiana.

A obra, que se apresenta ao público brasileiro, aglutina-se em torno de dois núcleos chaves: (1) o estabelecimento das condições de possibilidade da compreensão do projeto crítico kantiano na perspectiva que Hegel endereça suas críticas a esta pretensão; pensa-se mais especificamente nos capítulos 1, 2, e (2) o confronto entre a perspectiva hegeliana em face da estrutura da filosofia transcendental de Kant.

A autora indica que a motivação originária para a produção e preparação da presente obra colocava-se, inicialmente, na perspectiva da compreensão da crítica de *formalismo vazio* endereçada por Hegel ao imperativo categórico kantiano como lei suprema da moralidade, e a acusação hegeliana no escopo desta crítica das deficiências da perspectiva moral kantiana, referentes a (i) sua inefetividade para servir como um guia para a derivação de específicos deveres, e (ii) a suspeita hegeliana da incapacidade da lei prática ser eficaz em motivar nossa ação moral.

Ao tematizar as condições de efetividade da crítica hegeliana à Kant, tornou-se evidente à autora que a crítica hegeliana à Filosofia Prática de Kant desenvolvia-se sob a silenciosa perspectiva de uma crítica à sua filosofia teórica. Neste contexto de paralelismo, a crítica hegeliana centra-se numa acusação à filosofia kantiana de ser portadora de um dualismo, no qual, em ambos os domínios, separa-se a mente humana, num poder de gerar *a priori* conceitos e leis de modo totalmente separado dos objetos desta própria mente.²

No primeiro capítulo da obra, são examinados os recursos da teoria kantiana do conhecimento, especificamente a ideia defendida por Kant de que nosso modo de conhecimento é *discursivo*, no sentido de que é impossível para nós produzir objetos ou o conteúdo de nosso conhecimento empírico pelo simples uso de nossos poderes cognitivos; explicita-se a ideia kantiana de que a intuição³ não é capaz de produzir conhecimento, entendimento.

Sedgwick defende que

² Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 7. “In all domains of Kant’s Critical philosophy, the culprit as far as Hegel is concerned is dualism – a dualism that divides the human mind as a Power of generating a priori concepts and laws from the separate contribution of objects wholly outside the mind”.

³ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 7. “Unlike a mode of cognition that is intuitive we have to rely in our cognitions of nature on a sense content that is independently given”.

Nas obras de seu período crítico, começando com a *Crítica da Razão Pura* de 1781, Kant defende a tese de que o conhecimento humano é discurso por natureza em vez de intuitivo. Enquanto discursivo, nosso entendimento é um modo dependente de conhecimento nos seguintes termos: em nossos esforços por conhecer a natureza, temos de confiar numa matéria ou conteúdo que é dado na intuição sensível.⁴

Avaliando a posição kantiana, Sedgwick reconstitui a linha de reflexão do Hegel de Iena, o qual era fascinado pelo papel da *intuição* na perspectiva kantiana, ao mesmo tempo em que imputava a Kant o erro de insistir numa *absoluta oposição* ou mesmo uma *heterogeneidade* entre nossos conceitos e o dado sensível. Neste contexto, após apresentar o ponto de partida do Hegel de Iena e suas diversas correntes interpretativas, conclui com Hegel⁵, mas contra Kant, que nós podemos saber o que é o conteúdo sensível do dado e utilizar a intuição na produção de conhecimentos, desde que o relacionemos em concordância com nossos conceitos.

Na esteira da crítica de Hegel em Iena a Kant, Sedgwick crê poder superar a distinção em sentido forte estabelecida por Kant entre conceitos e intuições.

No Capítulo II, Sedgwick, perseguindo a linha de crítica levantada por Hegel em face de Kant, reconstrói a inspiração subjacente a tese hegeliana exposta em *Fé e Saber* de uma *verdadeira unidade orgânica*, como sendo capaz de superar os dualismos do período *Crítico* kantiano. Todavia, ao fazê-lo, conclui de modo um tanto surpreendente que Hegel inspira-se, paradoxalmente, no próprio Kant.

Segundo Sedgwick, Hegel para constituir seu argumento de que a *verdadeira unidade* do intelecto intuitivo é uma *unidade orgânica* inspira-se numa ideia que ele descobre em Kant, especificamente na *Crítica do Juízo*. Kant, na *Crítica do Juízo*, desenvolve a ideia que a unidade descreve-se por uma relação na qual o todo e as partes são reciprocamente determinados. A parte depende em sua forma do todo, e este é sustentado por suas partes.

Neste contexto, Sedgwick, seguindo Hegel, defende que é possível entender a relação entre conceitos e intuições na perspectiva de uma *verdadeira unidade* do intelecto, um *entendimento intuitivo*, tal como a relação na qual o todo entende-se pelas partes e estas sustentam o

⁴ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 14. "In the works of his Critical period, beginning with the *Critique of Pure Reason* of 1781, Kant defends the thesis that human cognition is discursive rather than intuitive in nature. As discursive, our understanding is a dependent mode of cognition in the following respect: in our efforts to know nature, we must rely on a matter or content that is given in sensible intuition".

⁵ Sally Segwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 44. "At this point we have established only Hegel's frustration with Kant for not awarding us the Power of an intuitive form of intellect".

todo, postulando que cada um – conceito e intuição – faz-se necessário para a natureza e a existência do outro. Conceitos e intuições de um *entendimento intuitivo* o são na exata medida que ao estarem separado são idênticos – desempenham um papel de mesmo nível na cognição – e determinam-se reciprocamente como modos do conhecimento.

Por fim, Sedgwick conclui que se, em *Fé e Saber*, Hegel não foi capaz, de fato, de apresentar uma proposta convincente ao problema da estruturação dualista proposta pelo Kant crítico, ao menos, ele não adota uma perspectiva reducionista em sua teoria do conhecimento,⁶ pois ao postular a perspectiva da *verdadeira unidade* pela analogia ao organismo, Hegel pôde superar a oposição entre o sujeito e o objeto.⁷

No Capítulo III, Sedgwick desenvolve a noção de que o que impede Kant de apreciar a identidade de conceitos e intuições é seu compromisso com uma forma de idealismo de tipo *subjetivo* e as possíveis consequências céticas desta perspectiva *subjetiva*. Em continuação à tematização, explicitação e crítica à concepção de *subjetividade* e de *idealismo* em Kant, Sedgwick defende que Hegel estava certo de que podemos evitar esta consequência cética⁸ e avançar em vista de um *genuíno*, ou *absoluto* idealismo, providenciando uma alternativa à *subjetividade* da teoria kantiana das formas conceituais.

A perspectiva crítica adotada no capítulo III em face de Kant acusa o idealismo transcendental da *Primeira Crítica* de postular a vacuidade dos conceitos face ao fato de Kant adotar uma perspectiva externalista das formas conceituais em face da intuição sensível. Tal externalismo reside no caráter adotado por Kant da *absoluta aprioridade* da faculdade do conhecimento em produzir os conceitos, tornando conceitos ou categorias em faculdades pré-dadas e fixas [*pre-given and fixed*].

Sally Sedgwick⁹, seguindo a crítica de Hegel, defende que a saída para as consequências subjetiva e cética do idealismo transcendental

⁶ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 9. "Although Hegel's remark in *Faith and Knowledge* do not explain precisely how he thinks concepts and intuitions reciprocally determine or cause one another, they lend support to the conclusion that he is not committed to a reductive account of the relation between these two components of cognition".

⁷ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 56-57. "We don't yet know just what he has in mind by this; we know only that he opposes the heterogeneity of the universal and the particular to the true or organic unity that he says is the unity of the intuitive intellect. We know that the model of organic unity, in his view, substitutes for heterogeneity the identity of the universal and the particular".

⁸ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 71. "Hegel is, in other words, convinced that skepticism results from assumptions these systems share about the respective contributions of the two basic components of empirical knowledge: sensible content and subjective form".

⁹ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 97. "As we have seen, the skepticism Hegel takes to plague the 'metaphysics of subjectivity' relies on a misguided commitment to the thesis of heterogeneity or 'absolute opposition'. In relying on this thesis,

kantiano reside em desistir [*to give up*] do compromisso com a externalidade da forma conceitual, ante ao fato de que, sendo os nossos conceitos *a priori*, eles não podem refletir o conteúdo dado pela natureza.

A autora propõe uma nova perspectiva para a ideia kantiana de uma *absoluta oposição* da forma conceitual, defendendo que a opositividade da forma conceitual face a intuição reside apenas quanto à origem e à natureza e não quanto ao uso.

No capítulo IV, a autora tematiza as críticas endereçadas por Hegel ao uso da dedução transcendental kantiana, tal como elaborada na *Primeira Crítica*. O capítulo, em comento, inicia-se pelo tratamento especulativo kantiano à questão de *como são possíveis juízos sintéticos a priori*. Neste modo especulativo exposto por Kant, Hegel, segundo Sedgwick (p.100), identifica para além do esforço de Kant em determinar os limites de nosso conhecimento e providenciar uma alternativa ao ceticismo humeano, uma alternativa à própria limitação kantiana da externalidade da forma conceitual.

E é mediante a original unidade sintética da apercepção como *absoluta identidade* que, para Hegel e a autora, colocam-se desde Kant as pistas para a saída dos limites do projeto da *Primeira Crítica*. Ou seja, na unidade sintética da apercepção, os atos de síntese não são nem puras faculdades da intuição, nem puras faculdades de conceitos, ou seja, colocam-se as condições de possibilidade para superar-se a absoluta opositividade entre conceitos e intuições numa *unidade sintética original*.

Todavia, Kant permanece no seio das dicotomias e na heterogeneidade entre conceitos e intuições, entre sujeito e objeto, ao concluir na sequência da exposição da unidade originária da síntese que esta trata-se de uma atividade conformada pela nossa faculdade conceitual, do *entendimento*, em sentido kantiano, retirando sua capacidade de ser de fato uma *genuína* unidade sintética.¹⁰

Deste modo, Sedgwick (p. 126) mesmo reconhecendo com Hegel que a mais alta ideia da dedução transcendental kantiana reside no caráter originário da unidade sintética da apercepção, acusa-a de *vacuidade da subjetividade* e imputa-a de uma recusa em sair do *caráter externo* do uso de nossos conceitos, tornando-se dependente e devedor do senso comum – por mais paradoxal que seja – pois, o caráter absoluto da razão

the metaphysic of subjectivity takes for granted the assumption that human cognitions is indeed God-Like – not because, it is possible for us to literally bring the material world into being – but because, in thinking, we can abstract to a realm of pure thought, to a standpoint wholly outside or ‘absolutely opposed’ to ‘common reality’”.

¹⁰ Sally Sedgwick, *Hegel’s Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 11 “As Hegel points out, Kant claim that *all* combination or synthesis in an act of spontaneity performed by our faculty of concepts (the “understanding”). The faculty he identifies as an original synthetic unity, then, turns out not to be a genuine synthetic unity after all”.

kantiana reside exatamente no fato de que ele basta-se a si mesmo e por independência de toda atitude ordinária do senso comum.¹¹

No capítulo V, intitulado de *subjetividade como parte de uma identidade original*, Sedgwick tematiza o conhecimento como um meio e de superar as formas de pensamento *vazias* e *externas*, pondo novamente o acento sob a limitação da perspectiva kantiana de uma necessidade metafísica *a priori*, postulando uma revisão da constituição de nossos poderes cognitivos.

Na alternativa colocada por Sedgwick, a *subjetividade é posta como parte desta unidade originária*, de modo a poder superar os dualismos kantianos. Todavia, a autora (p. 128 ss.) defende, neste contexto, que nossa mente e suas formas são simples produtos da natureza. Neste modelo interpretativo, ocorre uma naturalização de nossas faculdades cognitivas, entretanto tal naturalização é um reducionismo do pensamento ao próprio pensamento, um tipo de naturalismo conceitual.

Sedgwick¹² defende que Hegel concorda com Kant acerca da necessária função dos conceitos e daí deriva uma conclusão internalista de que um conteúdo verdadeiramente extraconceitual não pode ter nenhum significado cognitivo para nós. Nesta leitura, o único objeto possível da cognição humana, para Hegel, seria o próprio pensamento.

Na defesa de sua tese do conhecimento como um meio, Sedgwick (p. 133 ss.) resgata o debate e a crítica de Hegel exposta na *Fenomenologia do Espírito* se o conhecimento como meio é um instrumento (*Werkzeug*) ou um meio passivo (*passives Medium*), e o abandono por Hegel da perspectiva da compreensão do ato cognitivo como um meio. O problema, ao contrário, é a suposição de que nos trazemos *formas-de-pensamento* de nossos atos, se assim o pensarmos, adverte Sedgwick, através da releitura hegeliana, nossos esforços não podem ser satisfeitos, pois é exatamente este o erro que Hegel associa à consciência natural.¹³

¹¹ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 126 “The idealisms of Kant and Fichte are moreover ultimately “subjective”. It is an implication of these systems that subjective forma is “absolutely opposed” or “external” to content in this respect: subjective forma is taken to owe nothing of its nature and origin to the realm of the empirical. For these philosophers, human reason (or “thinking”) is “absolute” in that it is capable of achieving complete “independence from common reality”.

¹² Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 129 “On this reading, moreover, Hegel endorses this kantian premise about the necessary role of concepts and derives from it the internalist conclusion that a truly extra-conceptual content can have no cognitive significance for us. On this reading, the only possible object of human cognition, for Hegel, is thought itself.”

¹³ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 137 “The problem, rather, is its assumption that since we bring thought-forms to our acts of knowing, our efforts to know cannot be satisfied. This is the mistake Hegel associates with natural consciousness. It is what he singles out as the crucial defect of its treatment of cognition as a means.”

Em continuação, Sedgwick (p.158 ss.) defende a dupla dependência entre conceitos e intuições contra a artificialidade da tese da absoluta heterogeneidade, mediante a tese de que o pensamento compartilha com as paixões e os sentimentos características que não permitem enquadrá-la como uma simples expressão da espontaneidade.

Sedgwick parece estar nos sugerindo que, em Hegel, e ela está compartilhando desta tese, não há nenhum pensamento ou a aplicação de nossas formas de pensamento que não é condicionada do modo efetivo pelas forças naturais e históricas reais, e que uma implicação desta atividade e os seus resultados não dependem inteiramente de nós.¹⁴

O capítulo VI é uma grande tentativa da autora para testar suas teses acerca dos limites do projeto crítico de Kant em face das crítica hegelianas. Um ponto fundamental, nesta instância exploratória da autora, é a acusação de que Kant não fora suficientemente crítico, e para tanto, Sedgwick (p. 166) retoma o tratamento kantiano das antinomias e conclui após expor os passos do tratamento hegeliano das antinomias, tal como exposto na *Ciência da Lógica*, pela insuficiência da criticidade do projeto crítico.¹⁵

The kantian philosophy as a cushion for the indolence of thought é o ultimo momento do livro de Sedgwick (p. 177 ss.), onde a autora expõe o caráter de *almofada* da filosofia kantiana sob o argumento de uma suposta fraqueza de seus argumentos em contraste com a aparente rigidez de suas afirmações acerca dos dualismos sujeito/objeto, conceito/intuição, do uso equívoco das faculdades racionais no tratamento das antinomias etc.

Por fim, Sedgwick¹⁶ (p. 179-180) encerra seu sugestivo e impressionante livro sugerindo que se suas análises nos capítulos que compõem o livro estiverem acuradas, elas sugerem que do mesmo modo que os poderes do pensamento que Hegel mantém responsável pela subjetividade do idealismo kantiano, é do mesmo modo responsáveis pelo que ele

¹⁴ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 161-162 “What Hegel seem to be suggesting, then, is that there is no thinking or application of our forms of thought that is not conditioned by and thus responsive to actual natural and historical forces. One implication of this the activity of critique, as well as its outcome, is not entirely to us”.

¹⁵ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 169-177.

¹⁶ Sally Sedgwick, *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, p. 179-180. “If our analysis in these chapters is accurate, it suggests that the same account of the powers of thought that Hegel holds responsible for the subjectivity of Kant's idealism is also responsible for what he takes to be Kant's unrealistic estimations of the achievements of critique. The same account of the powers and forms of thought that leaves us no means of avoiding contingency in the relation between our concepts and things, is also basis of Kant's claim to have gained insight into immutable features of our faculties of thinking and knowing”.

considera serem as irrealistas estimativas kantianas das conquistas da crítica.

Do mesmo modo, o conjunto dos poderes e formas de pensamento que não nos deixam meios de evitar a ‘contingência’ nas relações entre nossos conceitos e coisas, reside na base da afirmação de Kant de haver ganhado um *insight* de características imutáveis de nossas faculdades de pensamento e de conhecimento.

Seguramente o livro de Sally Sedgwick *Hegel's Critique of Kant – From Dichotomy to Identity*, afirmar-se-á como um clássico na reflexão acerca dos destinos da *Filosofia Clássica Alemã*, pela clareza no tratamento das fontes, o refinamento no desenvolvimento das teses e argumentos dos autores em confronto. Tal caráter clássico, que se acredita o livro atingirá, não o exime de, em muitos pontos, as críticas levantadas pela autora ao idealismo transcendental kantiano, assim como os desenvolvimentos do *idealismo hegeliano*, sejam sujeitos a críticas e passíveis de revisão na própria literatura especializada.

Endereço postal:

Universidade Católica de Pernambuco
Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista
50050-900 Recife, PE, Brasil

Data de recebimento: 20/01/2014

Data de aceite: 30/02/2014